

## COISAS DA POLÍTICA

DORA KRAMER

### Primeiros dias definirão estilo

Ao iniciar hoje um governo que faz chegar ao poder uma geração comprometida com o projeto de uma sociedade mais justa, Fernando Henrique Cardoso inaugura também novos padrões de administração e relação dos governantes com o país. Não se trata apenas das reformas que enviará ao Congresso em fevereiro. Essas são apenas uma pequena, mas importantíssima, parte do programa global de mudanças profundas cujo objetivo maior é alterar mentalidades, comportamentos, padrões.

Logo na primeira semana, o novo presidente dará dois sinais que balizarão os fundamentos deste governo. Não foi à toa que marcou para amanhã a reunião de seu conselho político, integrado pelos presidentes de partido que o apóiam, e parlamentares detentores de representação interna na Câmara e no Senado. Note-se que a primeira reunião ministerial só acontecerá no final da semana. O recado é claro: o fio condutor do governo é a política.

Não na concepção viciada do varejo de vantagens que distorceu o primeiro governo civil depois de 30 anos de regime militar e fez o Brasil eleger, em seguida, um celerado cujo grande capital popular era sua rejeição aos políticos. Ao reunir seu conselho antes mesmo do Ministério, Fernando Henrique estabelece o padrão civilizado das relações institucionais utilizado nas democracias desenvolvidas. Nesta reunião, não tratará apenas daquilo que precisa de imediato do Congresso, que são os três quintos de votos para a aprovação das reformas.

Ali estabelecerá as diretrizes de uma relação permanente que, no entanto, não inclui o compromisso de manutenção de nenhum dos ministros políticos escolhidos por conta de critérios regionais e partidários. O que garantirá lugar de quem quer que seja será o resultado de cada um. E aí está o segundo sinal do novo presidente. Na reunião ministerial, ficarão bem claros os padrões de desempenho que espera de sua equipe. Quem já convive com ele há tempos, e compartilha sua concepção de Brasil, sabe quais são os padrões, e, portanto, larga com vantagem. Os outros terão de seguir o mesmo rumo, sob pena de, num prazo de seis meses a um ano, estarem de volta a seus afazeres de cidadãos comuns.

As palavras de ordem são trabalho, organização, unidade de ação. Como Fernando Henrique montou um Ministério em

alguns casos adaptado às circunstâncias, seria interessante que os ministros que não integram o eixo principal de poder (este ele manteve em mãos de absoluta e antiga confiança) dedicassem um pouco de seu tempo a observar como agem os *veteranos*. José Serra, Pedro Malan, Sérgio Motta, Paulo Renato Souza, Clóvis Carvalho — sem status formal de ministro, mas com cativeiro de muito mais — darão o tom.

Numa avaliação recente que Fernando Henrique fez com sua equipe mais próxima sobre a formação do Ministério, chegou-se à conclusão de que, no geral, os ministros são muito bons, embora não imunes a escorregões, muito menos acima de qualquer crítica. Por exemplo, considera-se Adib Jatene um ás da Saúde, mas acredita-se que falta a ele a contundência necessária para a revolução que Fernando Henrique pretende no setor. De Bresser Pereira, que levou a SAF no último momento para não provocar guerra no Itamarati, diz-se que um pouco mais de silêncio não faria mal.

A não ser a indicação de Cícero Lucena para o Desenvolvimento Regional, uma imposição da bancada nordestina do PMDB, Fernando Henrique não considera que teve de engolir grandes sapos. Acha que, mesmo entre pemedebistas, acabou fazendo o que quis, ao colocar os gaúchos Nelson Jobim e Odacir Klein na equipe. Isso, apesar de avaliar que o comportamento geral do partido que já teve sobre si a responsabilidade do comando da luta pela democracia, hoje é sofrível.

“O PMDB não tem modos”, define um amigo do novo presidente, para, no mesmo momento, registrar o contraponto da postura do PFL, cada vez mais ao gosto de Fernando Henrique.

Claro que ele gostaria de ter tido mais tempo para montar seu Ministério, pois avalia que teve de formar equipe às pressas, muito em função do atraso provocado pelas indecisões na área econômica, que o eleito fazia questão de definir em primeiro lugar. Perderam-se 15 dias na administração das crises existenciais dos personagens principais, que, ora alegavam problemas de salário, ora levantavam dúvidas sobre o desejo de continuar no setor público.

Na palavras de um auxiliar do primeiro escalão, “o pessoal da PUC do Rio só ficou esperto quando viu que, se não houvesse definição logo, o ministro da Fazenda seria o Serra”.